

Full informatiu

Núm. 87 2 de Novembro de 2009



Gran Teatre del Liceu



Will Hartmann, David Pountney, Scott Hendricks i Anne Schwanewilms



Marie-Jeanne Lecca i David Pountney

O protagonista de *Król Roger* (O rei Roger), a ópera de Szymanowski estreada em Varsóvia no ano 1926, personifica as dramáticas tensões –dúvidas, atracção, medo, determinação– que experimenta quem tem de escolher entre a ordem e a liberdade, entre a responsabilidade e o desejo, entre a seguridade e o risco, uma eleição especialmente dramática para um rei –Roger da Sicília, do século XII– que, como nas tragédias antigas, tem responsabilidades públicas. No entanto, O rei Roger não é um drama histórico, mas sim um drama de ideias e, por isso, as suas personagens são encarnações das opções que a obra dramatiza. Por um lado, há os representantes da ordem –o bispo, a diaconisa, a corte– e, pelo outro lado, o deus Dioniso –o deus que Nietzsche identificou com a «embriaguez» e o «êxtase»–, que atrai as multidões a uma vitalidade entusiasta e livre de qualquer norma. No centro, e progressivamente atraídos por Dioniso, há a rainha Roksana e o conselheiro real Edrisi, mas, sobretudo, há o rei Roger, a que uns se dirigem para que condene Dioniso e outros para que o siga.

A ópera tem três actos: O primeiro explica a chegada a Palermo de um misterioso e bellissimo pastor –de facto, Dioniso– que uns condenam porque incita ao pecado e outros –Roksana e Edrisi– acham que é preciso ouvir antes de o condenar. O rei Roger, depois do sorriso luminoso que Dioniso lhe dirige, opta finalmente por pedir-lhe que venha de noite ao palácio real, onde será julgado.

O segundo acto deixa claro as dúvidas –e a fascinação por Dioniso– do rei num diálogo com Edrisi em que lhe explica como o inquieta o olhar do recém-chegado e a expressão dos olhos de Roksana, a qual ouvem cantar definitivamente inclinada já para a nova doutrina. Dioniso –o pastor– apresenta-se então para proclamar um culto que atrai uma multidão que baila, entusiasta e extasiada, uma dança ritual. Embora Roger o condene, a atracção de Dioniso sobre todos –incluído o rei– é evidente e, quando Roksana pede ao jovem deus de ir embora com ele, Roger tira a coroa e o manto real e decide segui-los como peregrino.

O terceiro acto localiza-se no espaço até onde chegaram os seguidores de Dioniso, marcado pelas ruínas e pela lassidão que segue às festas. É ainda de noite, mas a aurora –o espaço de Apolo, o deus da luz e da razão que Nietzsche contrapôs a Dioniso– se aproxima. Antes de sair o Sol, Dioniso ainda impera, como o mostra a atitude de Roksana e a dança báquica da multidão, que inclui sacrifícios rituais no altar que preside o próprio deus. Chega, porém, a alvorada e a música dilui-se. Roger entoia então um conclusivo e solene hino ao Sol Nascente, que deixa claro que venceu perante a tentação dionisiaca e que renasceu à luz e à razão de Apolo.

A música de *O rei Roger* é certamente ecléctica –evidente influência germânica, mas também russa e do expressionismo francês–, mas com uma personalidade inequívoca que inclui harmonias e timbres audazes muito atractivos.



Anne Schwanewilms amb el Cor del Gran Teatre del Liceu

KAROL SZYMANOWSKI: *Król Roger* o rei Roger

10è aniversari
nou Liceu

Representacions

2, 5, 10, 11, 13 e 16 de Novembro de 2009, às 20 h;
7 de Novembro, às 18 h;
8 de Novembro, às 17 h.

Ficha artística

Direcção musical: Josep Pons
Encenação: David Pountney
Cenografia: Raimund Bauer
Vestuariu: Marie-Jeanne Lecca
Iluminação: Fabrice Kebour
Coreografia: Beate Volland
Nova co-produção: Gran Teatre del Liceu / Festival de Bregenz

Roger II, rei da Sicília: Scott Hendricks / Artur Rucinski*
Roksana: Anne Schwanewilms / Monika Mych*
Edrisi, um sábio árabe: Francisco Vas / Roger Padullés*
Pastor: Will Hartmann / Pavlo Tolstoy*
Arcebispo: Daniel Borowski / Alexander Teliga*
Diaconisa: Jadwiga Rappé / Agnes Zwierko*

* 7 e 11 de Novembro de 2009

Conferències

Conferència organizada pela associação Amics del Liceu na Sala do Coro do Gran Teatre del Liceu: Xavier Cester sobre *O rei Roger*. Terça-feira, 27 de Outubro, às 19.30 h.

Actos prévios

45 minutos antes do espectáculo, oferece-se no Foyer uma sessão informativa sobre a ópera.

Retransmissões

5 de Novembro, às 20 h.
Radio Clásica de RNE (em directo).

10 de Novembro, às 20 h.
Catalunya Música (em directo).

Exposiçào

Exposiçào do tipo instalaçào «Belo como eu» sobre a ópera *Król Roger* de Karol Szymanowski. Organiza: Instytut Adama Mickiewicza. De 2 de Novembro a 30 de Dezembro de 2009. No Foyer.

Exposiçào de fotografias da Temporada 2008-2009 do fotógrafo Rubèn Ferrer, Bolsa de Estudos do Liceu da Fundação do Gran Teatre del Liceu (outorgada a um estudante do Centre de la Imatge i la Tecnologia Multimèdia [Centro da Imagem e da Tecnologia Multimèdia] da UPC [Universidade Politècnica da Catalunya]).

Livros

• **Karol Szymanowski:** *Le Roi Roger*. «L'Avant-Scène Opéra», 250. Paris: Éditions Premières Loges, 2009.

• **Friedrich Nietzsche:** *El origen de la tragedia*. Madrid: Espasa-Calpe, 2007.

Música

Concerto Szymanowski
«Em ocasiào de *Król Roger*»

Stabat Mater, Sinfonia núm. 3

Riccarda Merbeth,
Agnes Zwierko,
Pavlo Tolstoy
e Alexander
Teliga.

Orquestra
Sinfónica e
Coro do Gran
Teatre del Liceu
Director de orquestra:
Josep Pons
Domingo, 15 de Novem-
bro, às 17 h.



O rei Roger não é um drama histórico sobre a Sicília do século XII, mas sim, sobretudo, uma obra de ideias expressas em situações e em personagens da Sicília do século XII, vista como um cadinho de civilizações e como imagem, portanto, da Humanidade. Entre estas ideias, a mais importante é a concepção de Nietzsche sobre a tragédia, que inclui os conceitos de apolíneo e de dionisiaco – o primeiro identificado com a beleza serena e o Sol, e o segundo com o instinto vital e a orgia – como duas constantes da natureza humana e, portanto, também da arte. Reproduzimos uns textos de *O Nascimento da Tragédia* (1872) – uma obra dedicada a Richard Wagner –, texto em que o jovem Nietzsche (1844-1900) os formulou pela primeira vez.

«Estes nomes [Apolo e Dioniso] foram herdados por nós dos gregos, que fizeram assim inteligível o sentido profundo do seu conceito da arte, não por meio de conceitos, mas sim com a ajuda das imagens reveladoras do mundo das suas divindades.[...] Na arte, estes nomes representam antíteses estéticas que caminham uma junto da outra, quase sempre lutando entre si [...] Apolo é “o Resplandecente”, o deus do Sol e da luz, que se revela no resplendor. A “beleza” é o seu elemento e a eterna juventude acompanha-o. [...] O deus da bela aparência tem de ser ao mesmo tempo o deus do conhecimento verdadeiro. [...] Não é lícito que também falte na essência de Apolo aquela moderada limitação, aquele estar livre das emoções mais selvagens, aquela sabedoria e aquele sossego próprios do deus-escultor. O seu olho tem de possuir um sossego «solar»: Embora esteja enfurecido e olhe com mal humor, encontra-se banhado na solenidade da bela aparência.

A arte dionisiaca, pelo contrário, descansa no jogo com a embriaguez, com o êxtase. Dois poderes são, sobretudo, os que elevam o ingénuo homem natural até ao esquecimento de si próprio, o qual é característico da embriaguez: O instinto primaveral e a bebida narcótica. Os seus efeitos estão simbolizados na figura de Dioniso. Em ambos os estados [...] aquilo subjectivo desaparece totalmente perante a eruptiva violência daquilo geral-humano, mais ainda, daquilo universal-natural. As festas de Dioniso não só estabelecem um pacto entre os homens, mas também reconciliam o ser humano com a natureza.

De maneira espontânea, a terra oferece os seus dons e os animais mais selvagens aproximam-se pacificamente: Panteras e tigres arrastam o carro de Dioniso enfeitado de flores. Todas as delimitações de casta que a necessidade e a arbitrariedade estabeleceram entre os seres humanos desaparecem: O escravo é homem livre, o nobre e o de berço humilde unem-se para formar os mesmos coros báquicos. Em multidões cada vez maiores, vai rodando de um lado para outro o evangelho da “harmonia dos mundos”: Cantando e dançando, o ser humano manifesta-se. [...] Todos os instintos sublimes do seu ser revelaram-se nesta idealização da orgia.»

A dramaturgia de David Pountney para *Król Roger*

Um sóbrio anfiteatro de arquibancadas dispostas em semicírculo é o espaço que Raimund Bauer concebeu para esta produção de *O rei Roger*. Esta cenografia deixa claro que não estamos perante uns factos determinados por circunstâncias históricas ou culturais, mas sim perante um drama de ideias que afecta o homem de qualquer época ou, como Nietzsche escreve em *O Nascimento da Tragédia*, de uma questão «universal-natural». Este anfiteatro, porém, graças à iluminação de Fabrice Kebour, transforma-se constantemente para servir melhor cada momento singular da acção dramática.

David Pountney opta por marcar visualmente o conflito central da obra, que confronta a vida ordenada e racional que se identifica com Apolo com a vida orgiástica e livre que se identifica com Dioniso, e faz com que as imagens da produção o façam inequivocamente e que o façam também com a beleza que corresponde à qualidade da obra. O espectador reparará nisso com o tratamento do coro, que passa de formar uma cruz estática no início da ópera, a fim de mostrar o carácter rígido da corte que julga com severidade o pastor que até lá chegou, até ao movimento desenfreado do bailado e do coro, que sublinha o carácter báquico da acção quando esta assim o requerer. E o mesmo acontece com o vestuário de Marie-Jeanne Lecca: Preto ou vermelho –progressivamente vermelho à medida que a adesão à nova doutrina se propaga– em função de se as personagens recusam ou aderem ao culto de Dioniso. Mais ainda, num gesto deliberadamente ambíguo, os fatos de Roksana e de Dioniso terminam identificando-se e de cor vermelha também será, no fim, o fato do rei Roger. Esta orientação aplica-se mesmo à posição das personagens na cena, que se colocam reclinadas ou saltam pelas arquibancadas quando perdem rigidez doutrinária. Desta maneira, o espectador poderá seguir, para além da ambiguidade do texto e da sobriedade da acção dramática, o processo real que afecta cada uma das personagens.

A encenação de Pountney, por outro lado, sublinha, também com a gestualidade, o que cada cena significa: O substantivo contacto físico dos corpos –facto que aponta a uma atracção explícita do rei pelo belo pastor–, a atribuição à presença de Roksana no início do segundo acto, que parece sugerir que aquilo que se vê e se ouve tem lugar apenas na mente de Roger, ou também a água que o rei Roger deita sobre a sua cabeça como se fosse um novo batismo, antes de mostrar, com o seu hino ao Sol, a sua adesão ao mundo ordenado e racional de Apolo.

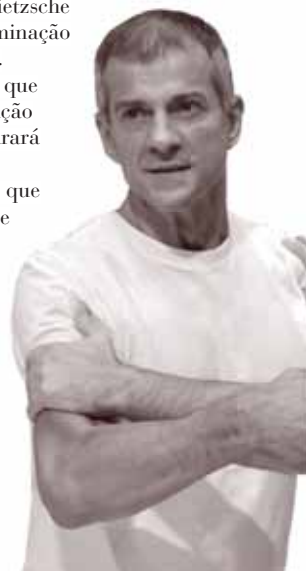
«Tal como mostraram algumas produções recentes, *O rei Roger* é uma ópera semeada de escolhos, mas não posso imaginar uma representação melhor do que a nova versão de David Pountney, que parece ter decidido que a última coisa de que precisa uma partitura tão deliciosamente perfumada é acrescentar-lhe exuberância [...]. Pountney abandonou a ambientação original em Palermo a favor de uma abstracção austera, embora soube encher a cena com uma direcção rigorosa. O cenário de Raimund Bauer, levemente curvado e escalonado, sugeria ser o fragmento de um anfiteatro, enquanto que as suas superfícies lisas e brancas eram imaginativamente iluminadas por Fabrice Kebour. Para além disso, no acto final, vão tornando-se cada vez mais vermelhas, como se todo o mundo ficasse manchado com o sangue do sacrifício.»
JOHN ALLISON: *Król Roger em Bregenz* («Opera», Outubro de 2009).

«O facto de que Szymanowski converta em tema a sua própria homossexualidade é aproveitado por David Pountney para torná-la protagonista da encenação. Com este intuito, o cenógrafo Raimund Bauer concebeu uma escada que vai enchendo o espaço em todo o seu esplendor, que se prolonga para cima de uma maneira notavelmente abrupta, sobre a qual o encenador inglês, perfeitamente sustentado pela iluminação de Fabrice Kebour, que também consegue destacar da melhor maneira possível o vestuário modestamente confeccionado por Marie-Jeanne Lecca, é capaz de provocar



Anne Schwanewilms

Pavlo Tolstoy e o Coro do Gra



Francisco Vas | Scott Hendricks

um fogo-de-artifício teatral em que as condições extáticas da ópera se mostram abertamente, de maneira que, nos momentos de maior exaltação, o torvelinho estrutura-se sobre os corpos e as cores.»

K. F. SCHULTER: *König Roger em Bregenz* («Das Opernglass», Setembro de 2009).

«Razão e instinto, ethos e eros, juízo e ímpeto, apolíneo e dionisíaco – estas são as polaridades da arcaica parábola do rei siciliano Roger, da sua esposa Roxane e de um pastor carismático, cujo encantamento ninguém pode resistir. Um messias da beleza e da sedução. [...] Hipnotizados pela promessa de uma recompensa terrena, todos seguem-no até à morte. Apenas o rei, no fim da obra, volta-se-lhe de costas e dirige-se para o Sol, isto é, para a felicidade sublimada da epifania espiritual. [...] Raimud Bauer criou um espaço unitário simples –apenas em aparência– que tecnicamente resulta extremamente complicado: A multidão piedosa face à tentação (primeiro acto), a prova de força entre o rei e o pastor (segundo acto) e a vitória do novo guru (terceiro acto) localizam-se sobre os degraus de um anfiteatro abstracto. O salvador misterioso entra em cena como um jovem meio nu de aparência dourada, uma essência mágica de carácter hipnótico que imediatamente conquista a multidão [...]. A encenação de David Pountney evita a acção frenética e atinge uma tensão concentrada em todos os níveis.»

«Opernwelt», Outubro de 2009.



oro do Gran Teatre del Liceu



ENTREVISTA:

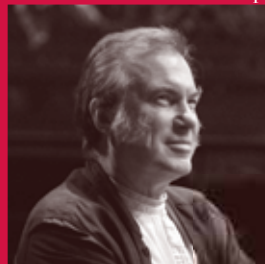


GTL– Karol Szymanowski é um compositor bastante desconhecido para o público do Liceu. Embora seja muito apreciado, a sua obra aparece muito pouco nas programações. Como descreveria a sua música?

Josep Pons.– Karol Szymanowski integra-se dentro dos compositores que reagem perante a hegemonia de Wagner, com o intuito de pesquisar uma alternativa e sem poder esconder, ao mesmo tempo, uma grande fascinação pela sua obra. Depois da Primeira Guerra Mundial, os centros musicais voltam a agrupar-se e pesquisam uma resposta genuinamente «nacional» à contundente tradição germânica: Bartók na Hungria, Smetana e Janáček na Checoslováquia, Debussy e posteriormente Ravel na França e Manuel de Falla na Espanha. Não há dúvidas de que Chopin é o precursor deste nacionalismo polaco, e um compositor de uma elegância, de uma complexidade harmónica e de uma beleza melódica que mais tarde desenvolverá o próprio Szymanowski. Embora seja um compositor do seu tempo, o autor de *O rei Roger* absorveu toda a tradição do século XIX, um século muito potente no que diz respeito à música. **Tem uma sonoridade, um tipo de harmonia e uma linha melódica que se podem considerar perfeitamente como extáticas. O que procura é o hedonismo e o refinamento.** Encontramos esta mesma característica em obras como *Daphnis et Chloé* de Ravel, os *Gurrelieder* de Schönberg e em determinadas obras de Debussy (*La mer*, *Prélude à l'après-midi d'un faune*) e do nacionalista russo Nikolai Roslavets. Compositores ou obras que necessitam, antes de nada, uma luz adequada, uns volumes muito equilibrados e controlados e a textura justa.

GTL– Todas estas características de que fala, para além de se encontrarem em *Król Roger*, estão igualmente presentes em obras como o *Stabat Mater* ou a *Sinfonia núm. 3*, que também dirigirá no Liceu?

J. P.– As três obras partilham uma sonoridade harmónica sensual, uma cor instrumental extática, uma textura da orquestra e um tratamento da forma versáteis. Mas, em *Król Roger*, a escrita é diferente porque Szymanowski é muito consciente do pó teatral que a obra tem de ter. No tratamento do coro, é onde podem ser encontradas as diferenças mais importantes. É certo que, no primeiro acto de *Król Roger*, os corais apresentam o estatismo marmóreo de um grande oratório, mas isto é também um recurso dramático de Szymanowski para sublinhar o momento em que todos irão cair nos braços das forças dionisíacas. Este conflito entre o culto à beleza pura do mundo apolíneo e o desenfreamento dionisíaco tem uma correspondência muito explícita a nível tímbrico: Melodias de grande beleza e claridade, com luz própria, no primeiro caso; e ritmos muito mais sensuais e representados pela noite e pela escuridão no segundo.



GTL– Quais serão as imagens da encenação para representar este conflito?

David Pountney.– O conflito estabelece-se entre dois mundos: Um mundo representado pela figura de Roger (ordem e racionalidade) e o outro pela figura do pastor, a encarnação de Dioniso. Mas, precisamente, Roger tem este debate na sua mente durante toda a ópera. Enquanto que o povo tem, no início, uma reacção de recusa face ao pastor, recusa que imediatamente se converterá em veneração. Roger,

um homem inteligente, mais racional e tolerante, está disposto a ouvir o pastor, sabe que este tem alguma coisa para dizer-lhe. A seguir, podemos perguntar-nos se Roger se deixará levar por esta concepção dionisíaca da vida, e a minha resposta é definitivamente que não. Precisamente, o fim da ópera é um final musicalmente muito triunfante, combinado com a cena do Sol Nascente, uma coisa que achamos muito optimista. **Julgo que o que Szymanowski nos quer explicar é que o conhecimento de todas as possibilidades da vida nos torna mais fortes, e que a repressão ou a «auto-repressão» podem chegar a ser tão catastróficas como o excesso.**

DAMIÀ CARBONELL



Will Hartmann i Anne Schwanewilms

Full informatiu

Núm. 87 2 de Novembre de 2009



Gran Teatre del Liceu

Concerto Szymanowski

«Em ocasião de *Król Roger*»



Riccarda Merbeth, Agnes Zwierno, Pavlo Tolstoy e Alexander Teliga.

Orquestra Sinfónica e Coro do Gran Teatre del Liceu

Director de orquestra Josep Pons

Stabat Mater, Sinfonia núm. 3

Novembre de 2009 Dia 15, às 17 h

Venda de bilhetes



Ópera no Foyer

Hypermusic Prologue

de Hèctor Parra



Direcção musical Clement Power

Encenação Paul Desveaux

Cenografia Matthew Ritchie

Realização informática Thomas Goepfer

Iluminação Laurent Schneegans

Nova co-produção Gran Teatre del Liceu / Obra Social da Caixa Catalunya / Festival de Ópera de Bolso e Novas Criações / Ircam / Centro Pompidou / Ensemble Intercontemporain (Paris)

Intérpretes Charlotte Ellett e James Bobby Ensemble Intercontemporain

No seu best-seller científico *Warped Passages*, Lisa Randall conseguia transmitir, a um público muito amplo, o esforço por captar a natureza da realidade última de que fazemos parte. Hèctor Parra propõe produzir no público uma estranha sensação de «perda da compreensão e do controlo da realidade» (quase como um «arrepio de hiper-realidade»), de uma realidade que não é exactamente idêntica respeito a como a imaginámos no início. O compositor procura criar no-vas relações musicais entre a voz humana e os instrumentos musicais mediante uma electrónica mais orgânica, vivaz e sensível aos músicos, e realizar uma contribuição à investigação de vanguarda no âmbito da composição e da criação musical assis-tida por computador.

Novembre de 2009 Dias 27 e 28, às 20 h

Venda de bilhetes



El Petit Liceu [O Pequeno Liceu]

A primeira canção

No Foyer do Gran Teatre del Liceu

Outubro de 2009 Dia 31, às 10.45, 12.45 e 18.00 h

Novembre de 2009 Dia 21, às 10.45, 12.45 e 18.00 h; e dia 22, às 10.45 e 12.45 h

O Superbarbeiro de Sevilha

No Auditório de Cornellà

Novembre de 2009 Dias 28 e 29, às 12 h

Venda de bilhetes



EDICIONS

Novidade em DVD: *La Cenerentola*



Gravação de *La Cenerentola* de Gioachino Rossini no Liceu (Janeiro de 2008).

Direcção musical: Patrick Summers
Encenação: Joan Font (Comediants)
Com Joyce DiDonato, Juan Diego Flórez, David Menéndez, Bruno de Simone, Cristina Obregón, Itxaro Mentxaca e Simón Orfila.

Já à venda na Laie Liceu
5 % de desconto para os titulares de assinaturas

LAIE LICEU



DVD- *Hagith* de Karol Szymanowski.

Discográfica: Dux Recording Producers. Direcção musical: Tomasz Szreder. Orchestra & Chorus of the Wroclaw Opera. Encenação: Michal Znaniecki (2007).



CD- *Le roi Roger / Prinze Potemkin* de Karol Szymanowski.

Discográfica: Naxos. Andrzej Hiolski, Wieslaw Ochman, Barbara Zagórzanka. Direcção: Karol Stryja & Antoni Wit. Boys Chorus of the Cracow Philharmonic & Polish State Philharmonic Chorus & Orchestra of Katowice & Polish National Radio Symphony Orchestra of Katowice. Concert Hall of the Polish State Philharmonic, Katowice (1990-1993).



Livro- *Karol Szymanowski* de Didier Van Moere. Editorial Fayard (2008).

Livro- *Le Roi Roger. Szymanowski*. Editorial «L'Avant-Scène Opéra» (2009).

El Gran Teatre del Liceu ha obtingut la certificació ISO 14001 (Internacional Standard Organization) / EMAS (Ecomanagement and Audit Scheme).



Consell de Mecenatge



Telefónica

El Periódico

OS

CAIXA CATALUNYA OBRA SOCIAL

Santander

FRUITA

MRW

LA VANGUARDIA

FUNDACIÓ AELI

abertiq

gasNatural

WINE JAMES

el Periódico

DRAGADOS

FECSA endesa

IBERIA IAS

G&O

Bancalaja

PRIMA

PRIMA

3

rtve

CANAL+

MPG

DRAGADOS

SEAT

emte

EL PAÍS

Marpower

bankinter

REPRO YVE

Aena

SanMiguel

EL MUNDO

AVUI+

Patrocinadors i Protectors

ABANTIA - ACCENTURE - AGROLIMEN - ALMIRALL - ATOS ORIGIN - BTV, BARCELONA TELEVISIÓ - BORSA DE BARCELONA - CESPA - FERROVIAL - CHOCOLAT FACTORY - COBEGA - FUNDACIÓ COCA-COLA ESPANYA - COFELY - DANONE - EL PUNT - ENAGAS - EPSON IBÉRICA - ERCROS - ESPAS PROMOCIONS IMMOBILIÀRIES - EUROMADI - EXPANSIÓ - FCC, CONSTRUCCIÓ - FERRERO IBÉRICA - FIATC - ASSEGUANCES - FLUIDRA - FUNDACIÓ PUIG - FUNDACIÓ CULTURAL BANESTO - GRAFOS - GRAN CASINO DE BARCELONA, GRUP PERALADA - GVC - INDRA - ISS, FACILITY SERVICES - KLEIN - LABORATORIOS INIBSA - LABORATORIOS ORDESA - LICO CORPORACIÓ - MEDIA MARKET - METALQUÍMIA - MONTBLANC - MYLAN - NATIONALE SUISSE - PEPSICO - PHILIPS IBÉRICA - PORT DE BARCELONA - SAGA MOTORS - SANOFI - AVENTIS - SERVIDRE - SOGEUR - TECNICA - TRANSPORTS PADROSA